

A ALEGRIA DO MUNDO

Scott Hahn

A ALEGRIA DO MUNDO

Como a vinda de Cristo mudou tudo
(e continua mudando)

Tradução
Diego Fagundes

3ª edição

Título original
Joy to the World:
How Christ's Coming Changed Everything (and Still Does)

Copyright © 2014 by Scott Hahn

Capa
Gabriela Haeitmann

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Hahn, Scott

A alegria do mundo : como a vinda de Cristo mudou tudo (e continua mudando) / Scott Hahn ; tradução de Diego Fagundes – 3ª edição – São Paulo : Quadrante, 2024. (Coleção Vértice)

Título original: Joy to the world : how Christ's coming changed everything (and still does)

ISBN: 978-85-7465-620-5

1. Igreja Católica 2. Igreja Católica - Doutrinas 3. Jesus Cristo
4. Jesus Cristo - Natividade 5. Natal - Meditações 6. Teologia
doutrinal I. Título II. Série

CDD 232.92

Índice para catálogo sistemático:

1. Jesus Cristo : Natividade : Cristianismo 232.92

Todos os direitos reservados a QUADRANTE EDITORA

Rua Bernardo da Veiga, 47 - Tel.: 11 3873-2270

CEP 01252-020 - São Paulo - SP

www.quadrante.com.br | atendimento@quadrante.com.br

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1

Uma luz se acende em Belém	9
----------------------------	---

CAPÍTULO 2

O que acontece em Belém	21
-------------------------	----

CAPÍTULO 3

Um novo Gênesis	31
-----------------	----

CAPÍTULO 4

O falso reino	47
---------------	----

CAPÍTULO 5

Maria: causa da nossa alegria	57
-------------------------------	----

CAPÍTULO 6

Na noite feliz, um homem silencioso	73
-------------------------------------	----

CAPÍTULO 7

Os Anjos cantam entre nós	89
---------------------------	----

CAPÍTULO 8

Ó, cidadezinha de Belém	101
-------------------------	-----

CAPÍTULO 9

Você acredita em magos?	111
-------------------------	-----

CAPÍTULO 10

A alegria entre os pastores	123
-----------------------------	-----

CAPÍTULO 11

A glória do povo de Deus: a apresentação 131

CAPÍTULO 12

Uma viagem de alegria 141

CAPÍTULO 13

Trindades abençoadas: o céu e a Sagrada Família 151

CAPÍTULO 14

A alegria do mundo 161

À Virgem Maria, causa da nossa alegria.
(Lc 1, 39-45)

A história da salvação não é um pequeno acontecimento num planeta pobre na imensidão do universo. Não é algo mínimo, que acontece por acaso num planeta perdido. É o motor de tudo, o motivo da criação. Tudo é criado para que haja esta história, o encontro entre Deus e a sua criatura.

Papa Bento XVI, *Meditação durante a celebração da hora «tertia» no início da primeira congregação geral do Sínodo dos Bispos*, 06.10.2008.

CAPÍTULO 1

Uma luz se acende em Belém

Era início de primavera. Faltavam ainda mais de seis meses para o Natal, mas os peregrinos se aglomeravam ao nosso redor cantando hinos como *O Little Town of Bethlehem* («Ó, cidadezinha de Belém») e *Adeste fideles*. A cena se repete ao longo do ano na Basílica da Natividade, Terra Santa.

«Cristãos, vinde todos, com alegres cantos. Ó, vinde! Ó, vinde até Belém», diz uma das cantigas.

Aproximadamente dois milhões de visitantes passam pela cidade anualmente. Quase todos chegam como peregrinos para venerar – ou como turistas para fotografar, embasbacados – o lugar onde Jesus nasceu. Organizam-se em duas longas filas e esperam para contemplar rapidamente o local onde Maria e José se abrigaram e os Anjos anunciaram o nascimento aos pastores. Talvez haja tempo para uma rápida oração antes que o frade responsável pelo lugar sinalize que é chegada a vez do próximo visitante na fila.

Para os mais avidamente devotos e para os mais avidamente curiosos, esse breve momento basta para compensar os murmúrios anticristãos ouvidos ocasionalmente nas ruas de uma cidade hoje predominantemente muçulmana. Também compensa a hostilidade que os visitantes têm de enfrentar num lugar que foi cenário de combate armado há bem pouco tempo (a Basílica da Natividade foi ocupada e sitiada em 2002). Sem dúvida, compensa a inconveniência de esperar na fila.

Para um peregrino como eu, esforço e risco fazem parte dos atrativos de uma viagem a Belém. Por essa razão, foi emocionante visitar os diferentes pontos sagrados com meus familiares. Esforçava-me para ouvir cada palavra sussurrada pelos guias turísticos, que eram repreendidos pelos frades locais sempre que ousavam erguer a voz um pouco acima do limite permitido. Enquanto esperava na fila, detive os olhos pelas paredes e pelo horizonte em busca de algum detalhe que eu pudesse reconhecer da Sagrada Escritura ou da própria história.

No entanto, entre um devaneio e outro, meus olhos frequentemente se voltavam para uma visão mais familiar: minha tão querida e única filha, Hannah, então com doze anos de idade. Ela parecia entediada e inquieta.

A devoção dos mais velhos pode parecer alienígena aos olhos de uma adolescente. Hannah conhecia as histórias bíblicas, claro, mas não da maneira como eu as conhecia – dos anos no seminário presbiteriano e depois no doutorado em teologia. Dava para perceber que os guias turísticos, com suas digressões a respeito de um passado distante, eram de enorme interesse para mim, mas tediosos para ela. E ela não pareceu ter ficado nem um pouco satisfeita com a recompensa que veio depois da longa es-

pera na fila: alguns míseros segundos se esticando toda para beijar uma pedra sagrada e histórica.

Quando chegamos a Belém, já tínhamos ido a vários outros locais bíblicos, e o cansaço começava a surgir no rosto de Hannah. Tentei dar um pouco mais de atenção a ela na Basílica da Natividade, para que o tempo na fila para a cripta se tornasse menos maçante.

O grupo com o qual estávamos era enorme, composto por centenas de pessoas que viajavam em vários ônibus, mas Hannah e eu ficamos entre os primeiros na hora de formar a fila. Não demorou muito e começamos a descer a pequena escada que dá acesso à cripta, que fica abaixo do altar principal da igreja: a gruta onde, de acordo com a tradição, a Santa Virgem Maria deu à luz Jesus Cristo.

Diante da estrela prateada de catorze pontas que marca o local exato do nascimento, paramos, rezamos e nos curvamos para beijá-la.

Pouco depois, conforme subimos as escadas da saída, passamos por nossos companheiros de grupo na fila (que agora se estendia até sair da basílica). Avisei Hannah de que talvez fosse necessário esperar uma hora até que todos do grupo tivessem concluído sua visita. Talvez não tenha sido a melhor coisa a se dizer naquela situação; Hannah suspirou do jeito mais adolescente possível, com um tédio que beirava o desespero, e eu, como de costume, fiz minha oração pedindo sabedoria para ser pai.

E então veio o presente dos céus.

Um dos guias que estavam trabalhando com o nosso grupo aproximou-se e anunciou a próxima parada: visitaríamos um orfanato que ficava perto de onde estávamos. Já podíamos começar a nos deslocar para lá.

Foi como se uma luz se acendesse no rosto de Han-

nah. A visita ao orfanato significava a libertação imediata daquela igreja escura onde ela estivera fadada a contar lentamente os turistas que iam passando.

Nosso guia nos levou até as portas da igreja, por onde saímos e chegamos à praça inteiramente banhada pela luz do sol. O caminho até o orfanato foi curto e não tivemos dificuldade para manter o ritmo da caminhada. Até eu me senti aliviado após ter enfrentado o lento arrastar da fila. Hannah, por sua vez, parecia mais animada com esse passeio do que com qualquer outro que havíamos feito desde a nossa chegada à Terra Santa.

O orfanato estava repleto de crianças, todas muito espertas e bem cuidadas. Hannah ficou eufórica por estar perto delas (em vez de estar visitando um monumento qualquer). Ela não sabia e talvez não conseguisse compreender o motivo pelo qual um lugar como aquele precisava existir. Hannah pouco sabia sobre os conflitos entre Israel e Palestina: as bombas, as batalhas, o colapso econômico e os serviços de saúde precários que haviam deixado tantas crianças sem o carinho de um pai e de uma mãe.

Os meninos e as meninas sorriram ao vê-la e correram para perto dela. Pré-adolescente, Hannah era uma gigante entre as crianças do orfanato, mas claramente *não era* um adulto. Tinha a idade perfeita para ajudar a cuidar dos pequenos. Os funcionários do orfanato a levaram até uma cadeira e perguntaram se ela gostaria de segurar um bebê. Hannah respondeu com um sorriso luminoso e um enfático «sim». Conforme nos explicaram, era importante para a saúde dos bebês que eles recebessem uma dose diária de contato humano (o tipo de contato que eles teriam num lar com pais e irmãos).

Terceira de seis filhos, Hannah tinha tido muita experiência com bebês; por isso, sabia exatamente o que fazer quando uma funcionária trouxe o primeiro. Ela tomou o menininho nos braços, aproximou seu rosto do dele e até mudou o tom de voz ao cobri-lo de elogios carinhosos e palavras de afeto.

Deve ter feito tudo direitinho, porque logo em seguida uma das cuidadoras veio pegar o bebê e trocá-lo por outro. E depois outro.

Hannah estava em êxtase. Eu não a via tão animada desde o início da viagem. Entre um agrado e outro aos bebês, falava conosco toda alegre.

Eu estava feliz porque ela estava feliz. E foi aí que um outro tipo de alegria me invadiu.

Enquanto observava Hannah radiante sentada numa cadeira em Belém, pensei em outra menina, também adolescente. Ela também tinha vindo de longe até Belém; sua jornada de cento e trinta quilômetros no lombo de um burrinho certamente foi mais demorada do que a nossa, num voo sem escalas que partiu de Nova York. Chegou àquela mesma cidade sob circunstâncias que estavam longe de ser ideais. Certamente teve de enfrentar filas e multidoões, já que a pacata Belém do século I definitivamente não tinha estrutura para sediar um censo.

E, no entanto, aquela jovem, vários séculos atrás, encontrou plenitude em Belém, em um bebê que foi posto em seus braços. Todos os que a viram guardaram sua imensa alegria na lembrança, e essa lembrança permanece viva entre nós até hoje, dois mil anos depois.

Observando Hannah olhar para cada uma daquelas crianças, eu entendi o porquê.

O impacto daquele momento sobre Hannah foi duradouro. Ela foi transformada por dentro e por fora, e era possível ver os sinais dessa transformação tanto no seu rosto como nas suas atitudes. Meses depois, arrecadou fundos para enviar roupas aos «seus» órfãos em Belém. Havia despertado espiritualmente, mas havia algo ainda maior do que isso. Era como um despertar *materno*, um ingresso na maturidade, uma transição entre *ser* uma criança e *se preocupar com* uma criança.

Tenho lembranças maravilhosas dessa viagem, mas o tempo que passamos ali naquele orfanato merece destaque. Sei que vi a alegria do Natal em Belém, não no lugar exato do nascimento de Jesus, mas também não muito longe dali.

O que até então era meramente uma palavra para mim – Natal – naquele momento tornou-se uma realidade de carne e osso. E aquele momento ainda está bem vivo na minha memória. Para mim, a realidade do Natal não tem a ver primariamente com o que aprendi no seminário presbiteriano ou nas árduas pesquisas que fiz durante o doutorado. O Natal é a alegria e o amor que surgiram entre uma jovem mulher e uma criança que havia sido posta em seus braços.

Essa criança era Jesus, e Ele em seguida daria lugar a outra criança que precisava de amor, e depois outra, e depois outra, e essas crianças somos todos nós. Somos eu e você. Ele cresceu e nos redimiu para que pudéssemos ser acolhidos na vida que Ele viveu aqui na terra. Ele nos acolhe na família que criou para si.

Jesus não veio ao mundo sozinho. Veio ao mundo por meio de uma família, e nos trouxe a salvação para que todos pudéssemos fazer parte da grande família de

Deus. Este é o significado profundo da salvação e do Natal: *Mas a todos aqueles que o receberam, aos que creem no seu nome, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus* (Jo 1, 12). Filhos e filhas de Deus, membros de sua família. Se não compreendemos o Natal, também não podemos compreender o que Jesus fez quando nos salvou. Há uma dimensão familiar em todos os mistérios da salvação: da Paixão e Morte de Cristo à instituição, por suas mãos, dos sacramentos e da Igreja. Em nenhum outro lugar, porém, essa dimensão se manifesta com tanta clareza quanto na história do nascimento de Jesus.

E foi isso que minha filha Hannah me mostrou em Belém, muitos anos atrás.

* * *

Embora seja uma das histórias mais populares de todos os tempos, eu diria que o Natal desafia várias convenções narrativas. As histórias mais duradouras costumam ser aquelas que trazem heróis marcantes e vilões memoráveis.

O Natal tem seus vilões, que são fáceis de identificar. O sanguinário Rei Herodes surge como uma sombra ameaçadora no capítulo de abertura do Evangelho de São Mateus. Quando São João fala simbolicamente sobre o nascimento do Messias, em Apocalipse 12, ele nos informa que o verdadeiro antagonista é o próprio diabo, representado por um dragão mortífero.

Mas quem é o herói da história do Natal? Tendemos a ler o Evangelho pelo filtro de dois milênios de tradição, de maneira que a resposta parece óbvia: o herói é

Jesus! Ele é a razão por trás da celebração. É dEle o nascimento que celebramos nesse dia, e é dEle a história que ouvimos e que depois proclamamos do alto da montanha¹.

É verdade que Jesus está no centro da história, mas Ele não se comporta como um herói convencional. Jesus não se encaixa no modelo padrão. Não age sozinho. Não interfere diretamente para mudar o curso dos acontecimentos. Na verdade, Ele *mal age*. É passivo: nasce e logo é posto para dormir numa manjedoura; é encontrado pelos magos no colo de sua mãe, é levado em fuga para o Egito. Como todo bebê, exerce uma poderosa atração e desperta amor naqueles que se aproximam; no entanto, só tem visibilidade porque alguém O segura.

A história do Natal tem um herói incomum. Não se trata de um guerreiro, de um conquistador, não se trata sequer de um indivíduo, mas sim de uma *família*. Os detalhes da história sempre nos trazem de volta a esse fato. Vemos as faixas com as quais Jesus foi envolvido e sabemos que são faixas próprias para se envolver um bebê, mas é preciso que *alguém* o tenha feito. Temos, portanto, uma mãe e seu filho. Temos um pai. Temos um lar. Ouvimos falar da manjedoura na qual Ele foi posto, mas Ele foi posto ali *por alguém*. Ouvimos falar do exílio do Menino Jesus no Egito, mas era preciso que *alguém* O levasse até lá, alguém que pudesse protegê-LO dos salteadores que vagavam pelas estradas do deserto, e que trabalhasse para sustentar mãe e filho numa terra estrangeira.

(1) Referência à canção folclórica *Go Tell It on the Mountain*, originalmente compilada pelo americano John Wesley Work Jr. no começo do século XX. (N. do T.)

As cenas da infância de Jesus (a gravidez repentina de Maria, as decisões providenciais de José, a perseguição de Herodes) são dramáticas exatamente porque se desenrolam na intersecção de várias trajetórias individuais. De fato, os significados dos outros elementos da história derivam do foco primário do Evangelho na família: a Sagrada Família. O perverso Rei Herodes é claramente a antítese da família e dos filhos; é ele que ordena o extermínio dos meninos de Belém. A história nos conta que Herodes matou *seus próprios filhos*, e o Evangelho mostra que ele comandou seus soldados para que voltassem suas espadas contra as crianças de Belém.

A família é a chave do Natal. É a chave do cristianismo. O Papa João Paulo II observou que tudo aquilo que é bom – a história, a humanidade, a salvação – «se transmite por meio da família»². Quando Deus veio nos salvar, Ele fez com que a salvação e a família fossem inseparáveis, de maneira que a salvação se manifesta na própria vida familiar. E como a família é o ambiente tradicional da vida humana, Ele veio para compartilhá-la, redimi-la e aperfeiçoá-la. Ele a transformou na imagem e no sacramento de um mistério divino. A própria salvação só encontra significado no âmbito das relações *familiares*.

A verdade do Natal começa com a família. Os eventos que perfazem o enredo do Natal foram historicamente determinados pelas decisões de um homem que era mari-

(2) Ver, por exemplo: João Paulo II, *Gratissimam Sane* (carta às famílias), 02.02.1994, n. 23; João Paulo II, *Familiaris Consortio* (exortação apostólica sobre a função da família cristã no mundo de hoje), 22.11.1981, n. 86; João Paulo II, *Angelus*, 26.12.1999; e a *Carta dos direitos da família*, apresentada pela Santa Sé em 22.10.1983.

do e pai, e de uma mulher que era esposa e mãe. Conhecemos esses eventos unicamente porque essa mãe guardou-os no seu coração e escolheu compartilhá-los com os discípulos do seu filho (cf. Lc 2, 19.51).

A verdade do Natal foi passada adiante por meio da família. Peregrinos ancestrais encontraram o caminho que levava à gruta da natividade não porque havia placas e sinais espalhados pelas estradas de chão batido de Belém, mas sim porque os primeiros cristãos – alguns dos quais talvez fossem testemunhas oculares de Cristo, ou filhos de testemunhas oculares – haviam guardado todos aqueles eventos em seus corações para depois passá-los adiante por meio de narrativas às gerações futuras.

Sua fé permaneceu na ilegalidade por séculos. Em Belém, assim como em outros lugares, eles se encontravam para louvar a Deus não em grandes igrejas, mas sim nos lares das famílias, e consideravam todos os que se reuniam ali uma família em comum. Esta é, de fato, uma das mais profundas conclusões sobre a história do Natal: Deus fez sua morada entre os homens, mulheres e crianças, e os chamou – assim como nos chama a cada um de nós – a fazer parte da sua família, do seu lar sagrado.

Esse é, portanto, o tema dos capítulos que se seguem. Cada capítulo é uma meditação sobre a vinda de Cristo ao mundo, isto é, sobre a própria história do Natal, vista à luz de sua ambientação histórica mais íntima e primordial. Vamos nos encontrar com os membros da Sagrada Família e nos juntar a eles em sua jornada a Belém, a Jerusalém e ao Egito. Vamos nos deter sobre o significado profundo de cada detalhe da narrativa: os Anjos, a manjedoura, as faixas usadas para envolver Jesus, os magos, a estrela e os pastores. Esses detalhes podem pare-

cer-nos estranhos e impenetráveis quando não levamos em consideração sua existência em relação a uma família, uma mãe, um pai, um vínculo, um lar, uma linhagem, um patrimônio.

E agora esse patrimônio nos pertence! Nós fazemos parte da família de Cristo e, por essa razão, a alegria do Natal também é nossa. Podemos experimentá-la não apenas na Terra Santa, mas em todos os lugares, a qualquer hora do dia, todos os dias. Sem Cristo, não havia alegria no mundo, assim como não há alegria nos lugares onde Ele permanece até hoje desconhecido e rejeitado. Tudo mudou desde o nascimento de Jesus, mas tudo ainda está por mudar, à medida que as pessoas continuam recebendo o Menino Jesus na fé.